ÁGUA RASA
NO
RIACHO FUNDO
ANTÔNIO
VIRGÍLIO DE ANDRADE
virtualbooks

ANTÔNIO VIRGÍLIO DE ANDRADE

ÁGUA RASA NO RIACHO FUNDO

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

www.terra.com.br/virtualbooks

ÁGUA RASA NO RIACHO FUNDO

COMPÊNDIO:

ÁGUA RASA NO RIACHO FUNDO é uma fábula de fim de Século. Nesta história hilariante, os personagens debatem questões sociais e políticos; destacando o tema ambiental, e a tramitação do Projeto de Lei nº 00805/93, de autoria do Deputado Wasny Rose, que almejava tornar o SINOBÉLIAS BOITINEI (pira-brasília) no Animal Símbolo da Capital Federal.

É sempre bom recordar que o Projeto de Lei do aludido Deputado proporcionou debates calorosos, citações indecorosas, intrigas, rusgas, e o surgimento de um novo postulante que uniu a oposição. Neste caso, o candidato ninguém menos era do que o CHRYSOCYON BRACHYURUS (o lobo guará).

Para o amigo leitor já familiarizado com a obra de ANTONIO VIRGILIO DE ANDRADE, notadamente, O SEGREDO DA PASTA ROSA, CAÇADA AO PEIXE PIRÁ-BRASÍLIA, e OINOTNA, O ÚLTIMO HERMITÃO; esta obra representa para o Autor o marco embrionário que fecundou esta fértil e versátil trilogia.

ÁGUA RASA
NO
RIACHO FUNDO

A VISITA DO LUNÁTICO

Conta-se que num certo dia de verão, um lobo peludo, de coloração pardo-vermelha, mais escura no dorso, pés e focinho pretos, com malha branca na garganta; estava sentado no barranco vigiando o exato momento em que o peixe apontaria a cabeça fora d'água. O canídeo estava inquieto e ansioso; cansado daquele esperar solitário quando divisou um vulto reluzente cortando a flor da água fria. Eriçou as orelhas; como se estivesse preparando um bote. E gritou:

- Pirá!
- O que foi, Guará... Qual é o motivo dessa aflição?
- Preciso levar o esqueleto pra casa, amigo...
- Que sina! – ruiu o outro. - Quando a festa está ficando boa você quer ir embora!
- Que nada, amigo...Você sabe muito bem que não posso ficar a vadiar neste pedaço de cerrado.
- Sei não... Tudo me levar crer que já não preza nossa amizade.
- Que nada, amigo... Você sabe que não é verdade. Tenho muito...
- Tem nada seu mentiroso! - atalhou o peixe.
-...Tenho muito chão pela frente, Pira! O fogo pode reaparecer... Já se esqueceu?
- Você está certo, Guará... Não posso exigir que o amigo se exponha ao perigo.
- Então, até breve, amigo... Mas antes de partir, quero agradecer por ter apagado o fogo do meu rabo... Fico te devendo mais uma!
- Larga de ser bobo, Guará! Um dia tudo vai ser diferente.
- Eu gostaria de ter sua fé... Mas tudo bem, a esperança é a última que morre! Não é verdade?

- Até breve, Guará... E volte logo! – gritou o outro, quase suplicando que o amigo ficasse.

Como é de se imaginar; o peixe ficou muito triste com a partida do lobo. Para ele, aquele era o pior momento. O momento de se separar do amigo, e ficar a mercê da própria sorte. Para fugir do último adeus, fingiu que estava procurando algo no meio das folhas secas que cobriam o chão.

Creio que toda despedida deva ser assim; um momento difícil e de forte emoção. Somente quem fica é capaz de dizer a dor que cala no peito. Para quem parte, o peso do fardo só é insuportável até que se dobre a primeira esquina.

Vivendo o vazio da sua solidão, o peixe tratou de procurar alimento para saciar a fome. Manter a dispensa cheia de alimentos era uma labuta que lhe consumia boa parte do tempo do seu dia-a-dia. E naquele ano de seca prolongada a situação estava pior do que nunca. A floração da vegetação não foi fértil e, certamente não ocorreria uma farta frutificação.

Culpa da estiagem. O céu estava carregado de nuvens, mas chuva que é bom...

Com o passar dos dias, o peixe esgotou sua dispensa de migalhas e teve que se contentar em comer folha seca. Prevendo que o período chuvoso tardaria a chegar, resolveu se arriscar numa peregrinação a cercanias da cidade do bicho-homem.

O lobo alertara-o para os perigos que teria de enfrentar. Era uma viagem perigosa. Correria risco de vida. Mas o que podia fazer... Enquanto a chuva não fecundasse a terra, iniciando um novo ciclo de farturas; não lhe restava outra alternativa. Teria que tentar. Teria que procurar alimentos no bueiro que desaguava no riacho para não morrer de fome.

E assim fez. Na manhã do dia seguinte, o peixe fez uma rápida viagem aos arredores da cidade do bicho-homem. Não teve dificuldades para encontrar o que procurava. Planejara que estaria de volta ao cair da noite, e tudo transcorreu conforme planejado.

Estava cansado. Mas só se deu conta que algo de mal havia lhe ocorrido quando chegou na sua morada. Percebeu-se febril. Respirando com dificuldades. Já não possuía a mesma vitalidade para superar as corredeiras mais revoltas. A cabeça doía, a respiração falhava, e os olhos lagrimejavam.

Entregou-se ao desânimo. Chegou a pensar que aquele era seu fim.

“Regime de guerra... você tem que fazer um rigoroso regime de guerra!, recordou-se, da conversa com o lobo. É... o Guará está certo.

Já não basta apenas apertar o cinto; tenho que fazer um verdadeiro regime de guerra...”

O Riacho Fundo era o último resquício do habitar natural do pirá-brasília. No entanto, qualquer observador poderia prever que sua água cristalina em poucos anos ficaria turva pelos excrementos da civilização. A poluição nas suas principais nascentes era rotineira. Em poucos anos, não mais haveria quem suportasse ali viver. E aquele peixe, era um dos últimos da sua espécie.

A constatação daquela realidade, por ele, jamais imaginada; não mais lhe permitiu ter esperança de dias melhores. Estava cansado das promessas do lobo. Estava abandonado ao sabor da própria sorte. Chegou a cogitar que sua vida já não tinha nenhuma razão de ser; tamanho era seu sofrimento. Em momento de maior desespero, desejou ser capturado pelo bicho-homem. Quem sabe se não seria melhor abreviar o fim. O fim por todos anunciados.

“Só me restou o lobo Guará..., refletiu, ele. É o único amigo que se atreve a me visitar... Também, ele é esperto e ágil; o bicho-homem não vai capturá-lo tão facilmente. Mas o que pode o lobo fazer para me ajudar, se não consegue derrotar o bicho-homem. Será que vai me abandonar como os outros?”, quis saber, aflito.

O peixe estava inconsolável. Não conseguia encontrar uma saída para aquela situação. Se outros habitantes, que, eram maiores e mais fortes se afastaram dali; o que ele poderia fazer? A quem poderia gritar por socorro?

Coçou a cabeça; como quem procura algum pensamento perdido. Sentou-se no barranco. Atirou um pedregulho no riacho. E começou a remexer nas lembranças do passado.

Imagens lhe saltaram aos olhos; em cenas perfeitamente reconstituídas:

- Guará! Guará! Sai do riacho... Hoje, sou eu que tenho uma história pra contar...

O lobo saiu sacudindo água para todo lado; e indagou:

- Não me diga que é história do bicho-homem-caçador?

- Que nada, é história do tempo do meu avô!

- Não poderia ser mais nova? - propôs o outro, sorrindo.

Cantarolando, os inseparáveis companheiros foram sentar sob o pé de quaresmeira. Quaresmeira roxa. Roxa de tanto florir. A exuberância de sua florada só pode ser descortinada nas margens dos riachos. Dos riachos que rasgam o chão do Planalto Central.

- Quer saber de uma coisa, Guará: certa vez meu avô me

contou que um bicho-homem meio esquisito fincou morada na beira do lago. Foi no tempo que ele morava no Córrego do Torto... Lá onde você disse que mora o bicho-homem-presidente!

- Auto lá, Pirá! - atalhou o lobo. - Eu disse que descansava das viagens na Granja do Torto. Que eu saiba, ele vive viajando do Palácio da alvorada para o Palácio do Planalto.

- Disso eu sei! Como também sei que é um bicho é esperto, vive viajando e mudando de rio... Mas como eu ia te falando: esse tal bicho-homem esquisito passou um tempão remexendo as águas...

- Todo bicho-homem é esquisito, Pirá.

- Disso eu também sei; mas aquele era diferente!.

- Diferente... Onde já se viu bicho-homem diferente?

- Que nada, Guará! Pelo que meu avô me contou, aquele era muito diferente. Chegava sorrateiramente; fazia uma caminhada matinal; e depois; ficava por ali espiando. Às vezes, jogava uma teia de aranha no rio. Meu avô ficava com medo; com medo de virar comida de bicho-homem...

- Não é pra menos! – interpôs-se o lobo, sorridente. - Eu é que não quero ser pescaria de bicho-homem!

- Como eu ia dizendo: quando o bicho-homem recolhia a teia; media e pesava suas presas, como se procurasse encontrar algo perdido.

- Será que achou o que procurava? - interveio o lobo, maliciosamente.

- Não sei! Como é que eu vou saber? Meu avô nunca soube me explicar qual era o motivo.

- Mas que motivo?

- O motivo para jogar a pescaria de volta no riacho, ora!

- Está vendo... Não te falei que bicho-homem é esquisito! - gritou o lobo, fazendo careta.

- Sabe que estou começando a acreditar que você está certo, Guará!

- Mas é claro que estou certo! Mas esquece disso seu bobo, vai ver que achou que seu avô não servia para o ensopado dele.

- Que nada! - gritou o peixe, fazendo cara feia. - Ele pode até ser um lunático... Mas, peixe é peixe, e bicho-homem é bicho-homem. Come de tudo! - concluiu, secamente.

Pirá não conhecera o bicho-homem de quem o avô tanto lhe falara; mas, lá dentro, lá no seu íntimo, alguma coisa lhe dizia que aquele visitante era diferente. Talvez um lunático. Sim, um lunático! Somente esse espécime poderá compreender o grande enigma da natureza.

Num belo dia, o chão estorricado pelo sol impiedoso recebeu as primeiras chuvas de verão. E elas, pela dádiva dos deuses, eram possuidoras do poder regenerador; transformaram a vegetação de caules tortos, retorcidos e cheirando incenso de queimadas em um oásis de colorido inimaginável.

Cores, flores; quantas flores e cores!

Os pequizeiros floriram, e, também as quaresmeiras e outras incontáveis plantas miúdas. O capim barba-de-bode brilhava ao sol, nascente ou poente. As manhãs eram cheirosas, cheiro de capim molhado. E tudo parecia ser de verdade, tudo parecia ser um sonho. Tudo era sonho.

A chuva proporcionou uma abrupta mudança no ecossistema local; a cadeia alimentar foi restituída. O peixe obteve o alimento do qual necessitava. Ficou forte, corado e preguiçoso. Já não precisava correr riscos para se alimentar com as sobras do alimento do bicho-homem.

E era muito bom que assim não mais o fizesse. As águas que banhavam a cidade estavam empreguinadas por um líquido viscoso e fedido.

Era uma nova praga. Uma praga muito mais poderosa e devastadora do que as queimadas; do que a pesca predatória; e do que as sobras de veneno das lavouras.

O Esgoto.

Esse autêntico produto da civilização moderna poluía a maior parte dos riachos e do lago. A construção de aterros sanitários e usinas para tratamento do esgoto não surtia o resultado esperado. A situação estava cada dia pior. A cidade crescia muito além do que era esperado e planejado. Favelas surgiam da noite paro dia. O lixo se acumula nas ruas. O esgoto corria a céu aberto. E todo o caldo fétido das águas servidas acabava desaguando nos riachos e córregos da região.

Quem saberá dizer quantas vezes o peixe terá se perguntado: “- será que o bicho-homem não tem nariz? Será que ele não fica incomodado com esta fedentina?”.

Não tenho certeza se ele já obteve respostas para as suas indagações, mas estou certo de que: o bicho-homem tem nariz, mas, não tem educação.

ENTRE SUPER-HERÓIS NEOLIBERAIS

Alguns longos dias se passaram sem que o lobo desse o ar de sua graça. O peixe desistiu esperar; fez planos para retornar à cidade do bicho-homem. Estava faminto. Passava a maior parte do seu tempo se escondendo. Já não tinha a menor disposição para procurar alimentos.

Mas naquele dia tranqüilo; não percebeu a presença de visitantes indesejados. Cruzou a correnteza, e sentiu o corpo dolorido pelo esforço da travessia. A areia do remanso estava quente. O fecho de raios solares que vazavam as copas das árvores era convidativo para um banho

de sol. Deitou na areia e fechou os olhos. Ficou escutando o canto dos pássaros; dos pássaros que saltitavam de galho em galho.

O uivado de lobo feroz quebrou a alegria da tarde sonolenta; Afugentou pássaros e acordou quem repousava no leito de cascalho. Preguiçosamente, o peixe começou a se libertar da realidade dos sonhos.

"Será o Guará!", indagou-se. E quando abriu os olhos; assustou-se com uma boca enorme a bafejar na sua cara.

- Pensei que estava morto, Pirá! Pensei que o amigo já tivesse partido dessa para uma melhor!
- Que nada, Guará!, estava pensando...
- Tudo bem... Já entendi; não precisa explicar!
- Que bons ventos o trazem a este fim de mundo?
- Tenho mil novidades, seu bobo.
- Boas ou más? - quis saber o outro, desconfiado.
- Boas...Primeiro as boas. Fiquei sabendo que o bicho-homem-presidente construiu um riacho na casa dele. Tem até cascatas.
- Isto é verdade? É verdade, Guará?
- Claro que é verdade! Tanto é verdade, que estou matutando um jeito de te levar para lá. Já imaginou; você vai viver num riacho de primeiro mundo!
- Deixa de ser mentiroso, Guará! Pra quê o bicho-homem vai construir riacho... Não é ele que destrói os poucos que restam por aí? Se gostasse de água limpa; não jogava esta sujeira aqui, ó! - apontou para um saco de lixo que boiava nas águas do riacho.
- Que nada, Pirá. Pode acreditar! Deu até na Manchete!
- Manchete! Que manchete?! Já está inventando mais uma anedota?
- Na cidade do bicho-homem é assim, Pirá! Se aconteceu, virou Manchete. E se virou Manchete: é porque aconteceu!
- Sei não... Isto está me parecendo aquela tal de "marchendaize"...
- Você está ficando esperto, Pirá. Está me saindo um bom aluno!
- Posso ser analfabeto, mas burro eu não sou não! Sei muito bem, que, primeiro, o bicho-homem oferece uma comidinha... Depois, é a gente que vira comidinha dele.
- É, amigo... talvez você tenha razão! O filhote do bicho-homem também anda revoltado... Está gritando por um tal 'impeachment'!
- Está vendo!, coisa boa é que não poderia ser. Também com esse nome tão feio; só pode ser mais uma sujeira do papai bicho-homem!
- Deixa pra lá, Pirá! Com "impeachment" ou sem "impeachment"; tenho que tirar você daqui e acabar, de uma vez por todas, com seus problemas...

- Que problemas? - indagou o outro, desconfiado.

- Ora que problemas, meu amigo... O bicho-homem está fincando morada nestas redondezas!

Falando assim, o lobo se afastou sorumbático. O peixe compreendeu o motivo da sua preocupação. E também ficou cabisbaixo; medindo as conseqüências da invasão do bicho-homem. Por fim, conclui que tudo aquilo era um sinal dos fins dos tempos.

De todos os habitantes da zona úmida do Riacho Fundo, o peixe é quem possuía postura mais vistosa. Corpo esbelto, nadadeiras ágeis, e escamas pardacentas que lhe proporciona um reluzir vistoso quando varava as águas em nado veloz. Na cara, naquela sua cara de peixe fresco, a boca sorridente muito lembrava a bocarra de cachorro. Por isso mesmo, sua feição não permitiu que alguém percebesse uma ruga de tristeza.

Mas elas estavam presentes. Para um bom observador, algo de anormal estava ocorrendo com aquele animal de sangue frio e coração quente. Se seu semblante não transparecia que estava contrafeito; mas por dentro, ele estava preste a explodir. Explodir de indignação.

Correu ao encalço do lobo; agarrou-o pela cauda, e gritou:

- Isso é verdade? É verdade mesmo?

- Claro que é, Pirá! Esta é a parte ruim das notícias. - respondeu o outro, procurando não se deixar intimidar.

- Quer dizer que o bicho-homem vai morar aqui?

- Claro! Eu só não sei quando.

- Como não sabe? - esbravejou.

- Prometo-lhe que vou descobrir, Pira... Mas no momento, preciso levar meu esqueleto pra casa.

- Já sei, já sei! Você precisa levar o esqueleto pra casa porque está como medo da dona loba te amassar com o rolo de macarrão... Além de tudo, saco vazio não pára em pé, e sua barriga está vazia.

- Sabe que ia me esquecendo desta parte, Pirá! Mas pode ficar tranqüilo, amigo. Quando voltar, saberei da verdade e trarei a solução!

- Não me venhas com soluções mirabolantes!

- Que nada amigo, dessa vez vai ser tiro e queda! Espero te levar lá pras bandas do Rio Amazonas.

- Ah, é mesmo? - indagou o outro, ainda mais incrédulo. - Não foi você quem me disse que o bicho-homem estava destruindo as florestas? Que andava atiçando fogo nas matas?

- Eu disse isso... Quando, quando eu disse isso?

- Já se esqueceu? E aquela lorota que você me contou: estão destruindo o pulmão do mundo; sem a selva amazônica o buraco da camada de ozônio vai aumentar de tamanho; a terra vai virar uma bola de fogo.

- Desculpe-me, amigo. Acho que você está desmerecendo a inteligência do bicho-homem.

- Desmerecendo! Eu? Você está se referindo ao bicho-homem-americano?

- Americano!! Que americano?

- Aquele que comprou a floresta amazônica! Você me disse que ele protegeria mundo...

- Eu falei isso? - interveio o lobo, com dúvidas da autoria daquelas afirmações.

- Claro! Você disse que ele iria proibir a exportação de madeira para o primeiro mundo. Não está lembrado?

- Isso é verdade! Agora me lembro.

- Se lembra? Então me responda porque o dito cujo destruiu as florestas do país dele?

- Ora, nobre colega! - aparteou o lobo, político. - A democracia está acima dos interesses mesquinhos das minorias. Não podemos retroceder ante a burocracia dos povos subdesenvolvidos... O mundo caminha a passos largos para a globalização... e somente com ela, o futuro estará garantido em nossas mãos.

- Gostei do discurso... Mas me responda: nas mãos de quem?

- Não... Não se faça de besta, Pirá! - interpôs-se, ainda mais eloqüente. - Isso não seria ético! E a ética, é o pilar do pensamento neoliberal!

- O bicho-homem-neoliberal também pensa? - quis saber, já prevendo a chegada de um novo carrasco.

- Claro!, Pira. O pensamento neoliberal prima pela liberdade de direitos. Momento este, em que ocorrerá o equilíbrio natural entre os que nada tem e os que de nada precisam!

- Ah!, Então é a isso ao que chamam de igualdade: igualar os de baixo por baixo e os de cima por cima? Bela ética!

- Nobre colega, não se iluda com intrigas da oposição... Não se deixe levar pelos discursos dos reacionários! Somente com a quebra do monopólio estatal... o bolo será fatiado em partes iguais! Haverá uma nova ordem econômica, e ocorrerá uma melhor distribuição de renda! - ofegante, o lobo concluiu mais um longo e belo discurso.

Desta feita, o peixe avaliou que aquele discurso fora por demais fantasioso. Pareceu-lhe uma cópia má feita dos discursos que o bicho-homem-deputado fazia nos palanques na época das eleições.

- Sei não! Sempre ouvi dizer que quem tem a colher maior come mais. E a minha, é bem pequenininha! - defendeu-se.

- Ora! O nobre colega não está afeito aos novos caminhos da política mundial. Somos uma aldeia global, precisamos do capital externo! Com ele, vamos gerar mais trabalho, mais riquezas e mais comida!

- Eu só queria saber quem vai ser convidado para o banquete. Porque as sobras; sempre fica com a gente!

O peixe não se deu por convencido.

E foi com essa controvérsia que aquele encontro finalmente chegou ao seu fim. O sol já despontava no horizonte.

Mas quem pode negar que da próxima vez não pudessem chegar a um consenso. Se for possível, é claro. Quando imagino os milhares de interesses que estão em jogo, creio que será mais provável que tudo acabe em pizzas.

Como nada mais havia a dizer; despediram-se. Trocaram um forte abraço. E peixe desejou uma boa viagem e breve regresso.

- Piráá! - gritou o lobo, já do outro lado do riacho. - Prepare as tralhas companheiro; da próxima vez, trarei uma solução para tirar você daqui.

- Adeus, amigo... E cuide-se bem! Cuidado para não virar troféu na sala do bicho-homem! - e sorriu; do jeito desengonçado do lobo andar.

O peixe aproveitou-se do último aceno para fazer mais um gracejo com o velho amigo. Depois, certo de que mais uma vez ficaria sozinho; ficou com as feições abatida (com cara de peixe congelado).

Seus olhos marejados não registram o momento em que o vulto do lobo foi engolido pelo verde da mata. E ele entendeu ser melhor que assim fosse.

Para disfarçar a tristeza e o vazio que se aproximava, como se fosse uma pedra, mergulhou no riacho. Foi parar lá no fundo; feito uma pedra.

Creio que era uma pedra.

O pedra se cortou numa lata de sardinha (invencionice do bicho-homem). Quando se refez do acidente teve que fazer um esforço titânico para voltar à tona. Agarrou-se nos pedregulhos da cachoeira, e ficou descansando.

Após desfrutar do longo e reparador descanso, pegou a imaginar como seria a cidade da qual o amigo lobo tanto lhe falava. Dos seus palácios, das ruas cobertas por lama preta, das máquinas que faziam fumaça fedida, e das luzes.

Luzes! Elas eram o que mais lhe impressionava naquelas histórias.

O lobo lhe contara que na cidade não ocorria noite. Por lá, só havia dia. Era um montão de soizinhos pendurados nas ruas e casas, a clarear e clarear. Tudo lá era lindo, tão lindo! Quando se olhava de longe parecia que um pedaço do céu tinha caído sobre a terra. Tamanho era o brilho das suas luzes noturnas.

“O Guará é um mentiroso!, pensou ele. Pra que o bicho-

homem vai fazer sóis e estrelas se no céu tem um montão?! Sabe de uma coisa, vou esquecer as mentiras do lobo e cuidar da minha vidinha. Afinal, o bicho-homem já está ficando estacas na redondeza!, ponderou, lembrando-se do aviso do lobo.”

- Aqui não é o tal de Riacho Fundo? - gritou um filhote de bicho-homem.

- É aqui mesmo! - respondeu um meninote.

- E é rasinho assim? - atalhou um molecote.

- É, claro que é. Eu só não sei porque tem esse nome... A água não cobre nem os joelhos!

- Deixa pra lá; vamos brincar! - disse o primeiro. - Vamos escolher as armas! - complementou.

E voltaram a fazer a maior algazarra. Alguns, mais afoitos, pularam dentro do riacho. Outros menos interessados na brincadeira fria e molhada, sacaram das geringonças que carregavam na cintura, e gritaram:

- Eu sou Jaspion!

- Eu sou Changermam! - informou um outro.

- Nós somos os Cavaleiros do Zodíaco!!! - gritou uma trinca, em coro.

- Quem vai ser o Monstro Interplanetário? - perguntou o tal Changermam.

Um outro herói insistiu:

- Quem vai ser o Monstro Metálico? Minha espada laser está pronta para degolá-lo!

Ninguém respondeu, ninguém quis ser o monstro.

Com a falta de pretendentes, alguém fez uma proposta: - “vamos correr até aquela árvore... Quem chegar por último; vai ser o monstro!”.

O peixe não soube precisar quem fez aquela proposta indecorosa. Se o Jaspion, o Changermam, ou os Cavaleiros do Zodíaco. Mas, com toda certeza, ela obteve aprovação de todos. Mal foi dado o sinal da largada, todos correram de encontro à árvore escolhida. Foi a maior algazarra.

A balbúrdia continuou, por toda tarde. O monstro interplanetário permaneceu destruindo árvores como se fossem cidades imaginárias. E, como todo bom vilão, sempre era derrotada na batalha final. Os super-heróis não se devam por satisfeitos. Desejavam mais ação e realismo. Planejaram encontrar um oponente. Um oponente que, verdadeiramente, pudesse ser alvejado e abatido por suas armas letais.

“Será que o bicho-homem não sabe inventar brinquedos educativos? É só espadas, canhões, facas e revólveres?! É... o bicho-homem gosta mesmo é de destruir... até os filhotes já nascem pensando assim!”, concluiu o peixe, incerto quanto ao seu próprio futuro.

Em meio àquelas preocupações e incertezas, uma recordação tomou conta de seus pensamentos. Era uma velha história que o lobo certa vez lhe contara. Desde aquele dia ela não saíra da sua cabeça. A história era tão descabida que não conseguia obter um sentido lógico.

“Não tem sentido, essa história não faz o menor sentido... Para quê dona Onça vai proteger esses pestinhas? Eles não precisam de proteção. Sou eu quem precisa!,” grunhiu entre os dentes, temeroso do filhote do bicho-homem localizar seu esconderijo.

A partir de então, ficou tão encolhido no seu canto que caiu em sono profundo. Logo estava sonhando. No sonho, o lobo era seu professor e estava gritando com ele: não é “ONÇAS”! É “ONG’s!” “ONG’S; seu estúpido!”

Despertou assustado, com o grito do amigo dentro da cabeça. Olhou para os lados e não viu ninguém. Pensou: - até em sonhos, o Guará consegue azucrinar minha cabeça... Eu não tenho culpa se o bicho-homem não sabe dizer “ONÇAS”; e vive engasgado com essa tal “ONG’s”. Esta história eu não engulo, não engulo! Quando encontrar dona onça; vou tirar essa história a limpo. Vou sim, pode ter certeza que vou!”.

O BICHO-HOMEM: hermafrodita ou bicha

A roda do tempo com sua rotina enfadonha; fez o peixe esquecer a visita do filhote do bicho-homem. Um dia após o outro sua única ocupação era procurar alimentos e saboreá-los avidamente.

De certo, que ocorreram outras visitas de filhotes do bicho-homem; mas em todas elas, o peixe conseguiu escapar da sua perseguição. Já estava tão hábil na arte de se esconder e se camuflar, que somente olhos treinados poderiam distingui-lo entre as pedras e o lixo que se acumulava no leito do riacho.

Numa tarde fria e chuvosa; escutou passos na clareira. Eram passos apressados. Não soube precisar de quem era. Poderia ser o filhote do bicho-homem. E quem pode garantir que não era o próprio dito cujo.

Tratou de procurar abrigo: “A sensatez é amiga dos homens e dos bichos”.

- Piráááá!

O peixe reconheceu a voz do lobo e ficou apreensivo. O amigo não costumava visitá-lo àquelas horas do dia. O bicho-homem não havia abandonado as ocupações de lavrar a terra. E tudo isso tornava aquela visita improvável e insensata.

“Não, não pode ser o Guará; ele não se atreveria a tanto!, concluiu, desejando que fosse exatamente o contrário.”.

- Piráááá! - insistiu a voz. - Sai do esconderijo seu peixe medroso; não reconhece um amigo?

Após uma breve hesitação, tomou coragem e pôs a cabeça fora do esconderijo. Com a visão embaçada pela claridade, avistou um vulto moribundo na beira do barranco. Quase não o reconheceu. O lobo estava barbudo, a pelagem em desalinho e a língua enorme balançando de um lado para outro.

Apesar daquela aparência horrível, não teve como negar que fosse seu amigo. O bom e velho lobo Guará.

- Que é isso, Guará! Parece que viu fantasma... Correu de assombração? -

- Ah!, seu peixe medroso. Tenho notícias!

- Notícias de quem? - quis saber o outro, temeroso.

- Da cidade do bicho-homem! E só não voltei antes porque precisava resolver algumas pendências...

Transpirando cansaço, o lobo se afastou e se dirigiu até o tronco do velho crapiá. Chegando lá, renegando suas boas maneiras, sentou-se desajeitadamente.

A cena invulgar fez o peixe avaliar que a situação era pior do que imaginara. Abandonou o esconderijo e foi ter com o amigo. Aproximou-se sorridente, e trocou um caloroso abraço com o lobo.

Foi um momento de grande emoção para ambos. E não era para menos. Já se passara muito tempo desde que o lobo fizera a última visita.

- E quais são as novidades, Guará... – quis saber, somente para quebrar o silêncio do outro.

O lobo não respondeu. Não estava preparado para dar as notícias que trazia. Elas não eram as melhores.

- O que fez o amigo vir correndo deste jeito? - insistiu. - Não me diga que são outras asneiras do bicho-homem?

- Espere um pouco, Pirá. Espere descansar as pernas que já

não tenho idade para tanta correria. - e falando assim, posou a pata no peito.

- Pode descansar, amigo... Pelas horas que você chegou; nós temos muito tempo para conversar.

O lobo ficou calado. Mais uma vez, conseguiu adiar as notícias que trazia da cidade. Espreguiçou. Balançou o rabo. Afastou-se e foi sentar no tronco do pau-d'óleo. Nem ao menos quis saber se o peixe estava esperando uma resposta. Com pensamento distante, pegou a fitar as copas das árvores como se mirasse uma paisagem desconhecida. Ficou um bom tempo observando as folhas roçarem uma nas outras.

O peixe não acreditou no que via. Procurou uma explicação para a atitude do lobo. Mas não encontrou resposta. Ciente de que nada podia fazer, correu até o riacho para colher um pouco d'água para aliviar a sede do amigo. Pensava então, que todo sofrimento e tristeza poderia ser aliviado com um bom gole d'água fresca.

Quando retornou na mesma frenética carreira, encontrou o lobo com os olhos cerrados. Roncando; em sono profundo.

Sussurrou; para não assustar o lobo:

- Acorda, Guará... Trouxe-lhe um pouco d'água fresca!

- Obrigado, amigo... mas não precisava se incomodar...

- Mas que desânimo é esse, Guará! Não me diga que dona loba te expulsou de casa?

- Deixe de ser bobo, Pirá!

- Tudo bem... Apenas imaginei que suas desculpas de sair para roubar galinha já não estivessem surtindo resultado. A mentira tem pernas curtas; você bem sabe.

- Mentira? E eu lá sou de andar dizendo mentiras? – gritou o outro.

- Tome cuidado, Guará... A dona loba pode desconfiar! – gracejou o peixe.

- Deixe de ser bobo, Pirá... Ando preocupado com a situação do amigo; vivendo no meio desta sujeira. Não sei como não pegou uma Dengue!

- Preocupa não, Guará... Estou acostumado. Além do mais, qualquer dia desses peço a tal de aposentadoria.

- Ih, amigo! Pelo que vejo você está por fora de tudo!

- Por fora de quê?

- Não te contei? Não ficou sabendo?

- Sabendo de quê? Não é você quem traz as novidades?

O peixe não gostou do rumo que conversa estava tomando. Começou a se coçar e a ficar impaciente. Previu que algo de muito grave havia acontecido. A relutância do lobo era um forte sinal de que seus maus presságios poderiam se tornar realidade. Por fim, concluiu que não

era nada importante. O amigo adorava fazer melodramas.

- O presidente acabou com a aposentadoria, Pirá... - Informou o lobo, de supetão.

O peixe ficou calado. Sem atinar para o tema.

- ... aposentadoria só com a morte... Só no caixão! – conclui o lobo.

- Você ficou doido, Guará! Não foi você que me disse que o bicho-homem-presidente era diferente?

- Falar, eu até que falei! Mas esta é uma história, e outro Presidente. E para te falar a verdade, com aquele também me enganei!

- Você é igualzinho ao bicho-homem, Guará. Adora ser enganado! - e sorriu, como se soubesse que o lobo cometeria outros erros.

- Vira essa boca de lacraia para outro lado, Pirá!   Isso é culpa do bicho-homem-político!

- Político?! Você já inventando mais um tipo de bicho-homem? - gritou, visivelmente irritado com o amigo.

Até aquele momento, o peixe nunca ouvira o lobo falar do bicho-homem-político. Já tomara conhecimento do bicho-homem-corrupto, do ladrão, do policial, do médico, do mecânico, do caçador, do lunático, do presidente, e do deputado. O bicho-homem-deputado era o mais comentado nas suas conversas com o lobo. Sendo assim, previu que aquele bicho-homem poderia ser pior do que os outros.

- Por que político, Guará?

- Ora, seu bobo! Este é o nome que eles dão ao bicho-homem quando está mudando as penas. Ficando cheio de esperteza! E tem mais; ele também é primo irmão do deputado... Entendeu?

- Eu mesmo não, nunca ouvir dizer que pudesse ocorrer uma mutação dessas! Sabe de uma coisa, Guará!; acho que o amigo está ficando tantã... Você já não fala coisa com coisa; parece contaminado com a doença do bicho-homem-deputado!.

O lobo nem sequer deu atenção ao desassossego do peixe. Estendeu as patas, e fez o tronco do crapiá de cama. Retomou a fisionomia anterior: pensativo.

Do seu canto, o peixe não pode deixar de perceber que o amigo estava diferente. Mas não conseguiu entender o motivo daquela recaída. Procurou aliviar a tensão que se abateu ente ambos; falando de temas amenos.

Não conseguiu. Não conseguiu atrair a atenção do lobo.

- O que foi, Guará! Não me diga que o bicho-homem-político já aprontou alguma?

- É muito pior, Pirá. Mas estou sem saber como te dar a

notícia.

- Fala, ora! Se não falar; como é que vou saber?

O lobo não queria revelar o que sabia. Os boatos que corriam na cidade não poderiam ser revelados sem uma prévia explicação. Mas que podia, fazer. O peixe tinha de saber da verdade.

- Sabe o que é, Pirá: andei escutando umas conversas na cidade... Mas vou logo te avisando; sou teu amigo... Não acreditei numa só palavra. Em nadinha!

- Desembucha, Guará! Pare de rodeios ou vou ficar ainda mais preocupado!

- É o bicho-homem-deputado... Ele anda falando umas coisas horríveis sobre sua pessoa.

- O deputado? O deputado não é o bicho-homem que gosta de fazer promessas e nunca cumprir!

- É este mesmo! Descobri que o dito cujo também é bisbilhoteiro... Ele é terrível, Pirá! - gritou, tentando fazer o peixe comungar seus temores.

- Mas quando; quando o amigo ficou sabendo dessas coisas? Você me disse que o deputado já existe há muito tempo!

- Ora, Pirá! Não estou falando do deputado que vem de longe... Estou me referindo ao nascido aqui!

- Ah!, já sei. Acharam que o deputado importado não estava dando resultados, e aí, resolveram fazer uma produção local!

- Pode até ser, Pirá. Mas é por isso mesmo que ando assustado.

- Assustado? Você está é se borrando de medo. E logo você que se vangloriava de não temer a nenhum tipo de bicho-homem!

- Claro que não temo! – interveio o outro, com firmeza. - O que me preocupa; é a fofoca que anda fazendo.

- Então fala, ora! Desse jeito, você vai estourar minhas coronárias! Não é assim que se diz?

Se o peixe demonstrava sinais de cansaço e insatisfação com o rumo da conversa; a partir daquele momento, passou a ter certeza que seus maus presságios poderiam se tornar realidade. A hesitação do lobo era prenúncio de que o desfecho seria assustador. Advertiu-se que melhor faria se ficasse calado.

O lobo, por sua vez, não estava seguro de si, para dizer o que tinha para falar. Trazia na ponta da língua sua versão dos boatos; mas não podia dizer se era melhor ou pior daqueles que corriam na cidade. Apesar de tudo; não queria ferir o amigo.

Coçou a cabeça. Balançou o rabo; de um lado para o outro. Fez várias tentativas para falar. Mas em cada uma delas, as palavras foram interrompidas ante o pigarrear forçado.

Após tanta indecisão; encontrou coragem para perguntar:

- Você é HERMAFRODITA?

- Her-ma-fro-di-ta! – soletrou o outro. - Você está ficando gagá? Por acaso está me confundindo com o seu deputado?!

- Fique calmo, Pirá... Ainda tenho outros boatos para te contar.

- Têm mais?

- Têm! Têm muito, e muito mais!

- Se for assim, o deputado além de perigoso é fofoqueiro!

- Eu te avisei! - advertiu o lobo, demonstrando esperteza.

O peixe desistiu de fazer indagações. Entendeu ser melhor deixar que tudo acontecesse no seu devido momento. Sempre desconfiara de que o bicho-homem conhecia o seu paradeiro. Agora tivera certeza; o bicho-homem-deputado sabia do seu paradeiro.

Aquela possibilidade fê-lo temer pelo futuro. Ficou apreensivo. Sentiu a mesma reação que sentira no dia em que o lobo lhe contara que o mundo fora criado a partir de um “big-bang”.

E daí, o que vem a ser o tal “big-bang"? E quem foi o responsável pelo “big-bang”? Será que o deputado é responsável pelo big-bang?, quis sabe ele.

O peixe concluiu que era bem provável que sim. Somente assim seria possível explicar aquelas coisas malucas que estavam acontecendo com o riacho.

Alheio às suas inquietações, o sol se escondeu por trás do horizonte. A lua redonda tingida de vermelho anunciou uma noite fria. Uma brisa correu por entre os labirintos de folhas e caules. E os pássaros voaram em busca de abrigo. Solitária a coruja sonolenta iniciou mais uma longa noite de vigília.

O lobo permanecia calado. Mais uma vez foi o peixe que teve que quebrar o silêncio entre ambos:

- Guará!, O que é hermafrodita? – indagou, com voz acanhada.

A inesperada interpelação deixou o lobo boquiaberto. Jamais imaginara que o peixe fosse capaz fazer uma pergunta tão simples e direta. Sem saber o que responder; coçou a barba. Procurou ganhar tempo. Pigarreou; com se quisesse limpar a garganta. Pensou... Pensou...

O peixe que esperava uma resposta imediata; não mais se conteve. Gritou:

- O que foi, perdeu a língua?

- Calma; calma amigo! Estou estudando as palavras!

- Se soubesse que teria que estudar; não teria perguntado! – desabafou.

- É muito difícil de explicar, Pirá! Não consigo encontrar as palavras certas! É... Como direi... É...

- Chega de tanto nhem-nhem-nhem; diz logo! - gritou, irritado.

O lobo ficou confuso. Ficou tão confuso que desejou possuir o que o bicho-homem chamava de dicionário. Mas não o possuía. Teve que se arrumar sozinho.

Após analisar friamente cada sílaba e proceder à escolha da entonação vocal; conclui secamente:

- Não sei...

- Não sei...! Como não sabe? - indagou, com espanto.

Seu espanto só não foi maior por que previra que o lobo estava inventando uma história para deixá-lo assustado. Depois, perdeu a feição carrancuda e sorriu. Sorriu como se houvesse escutado a mais hilária anedota de sua vida.

O lobo também não se conteve, sorriu alto e espalhafatosamente. Ficaram um bom tempo naquela pantomima. Era só um olhar para o outro, e os sorrisos recomeçavam. Parecia que riam de uma anedota infindável.

- O deputado não tem outra coisa para inventar?

- Acho que não, amigo!

- Essa sua piada foi muito engraçado, Guará! O amigo é um grande humorista.

- Humorista? Humorista, não! - rebateu o outro. - Eu apenas não encontrei as palavras certas!

- Está bem... Quando o amigo encontrar; poderá me explica o que é essa tal hermafrodita.

O peixe ficou risonho e de espírito desarmado. Qualquer outra notícia, por mais assombrosa que pudesse vir a ser, não seria capaz de estancar sua alegria. Pelo menos, era o que se poderia imaginar naquele momento.

- Vê se me escuta, Pirá... Acho melhor amigo não ficar risonho desse jeito... Fiquei sabendo de outro boato que me deixou com uma pulga atrás da orelha.

- Conta logo, ora! Já estou pronto para novas risadas.

- Está bem, seu cabeça dura! Andam comentando que o deputado vai promover uma disputa entre nós... Uma disputa para saber

quem é o melhor!

- Claro que sou eu! - atalhou o peixe.

- Não brinca, Pirá... Este assunto é sério! A disputa pode acabar com nossa relação!

- Então é sério! É sério mesmo; é pra valer?

- É! E pelo que sei, nesta disputa só vai haver um vencedor.

- Que loucura, Guará! O deputado perdeu o juízo!

- A culpa não é só do deputado, Pirá...

- Você ainda o defende! Como pode ter coragem de defendê-lo? Não se esqueça que ele quer plantar a discórdia entre nós!

O peixe ficou revoltado. O lobo era seu melhor amigo; o último que lhe restara. Alem de tudo era seu único elo de ligação com o mundo externo. Se, de repente, por algum motivo perdesse aquela ligação, não teria a menor chance de sobreviver. Pensou na possibilidade do bicho-homem-deputado patrocinar a luta. Concluiu que era bem provável que sim. O lobo já lhe contara que aquele tipo de diversão era muito comum na cidade.

Perderia a luta, simplesmente. Jamais teria coragem de ferir o lobo; seu melhor amigo. E nem poderia. Era só olhar a enorme diferença de estatura entre ambos.

“Será que o deputado não é capaz de perceber essa diferença...? Ou será que tudo não passa de uma armação para beneficiar o lobo?, indagou-se, ele. Claro que só pode ser isso! É uma grande armação... uma grande armação para beneficiar o lobo!”, concluiu, então.

Enquanto o peixe consumia seu tempo na ânsia de descobrir que motivação levara o deputado instituir aquela disputa; o lobo aproveitou a distração do amigo para beber um bom gole d’água fresca. A água estava gelada. Com salto acrobático transpõe a vegetação e atingiu a vertente da cachoeira. Saciou a sede na mais cristalina e inexplorada nascente do Riacho Fundo. Pouco depois, com um outro salto, não menos acrobático, foi ter com o peixe.

- E aí Pirá, tudo bem!

O outro não emitiu resposta. Permaneceu calado, com olhar fixo no chão; tapetado por folhas secas. Talvez, desejando encontrar um novo alento naquela massa de vegetação úmida e pútrida.

- Tem mais uma fofoca que não te contei... - insistiu o lobo.

- Então fale, ora! – respondeu o outro, com visível desinteresse.

Desta feita, o lobo compreendeu que não mais precisava tecer

comentários preliminares. Tratou de ir direto ao que tinha a dizer:

- O deputado anda dizendo que você é uma bicha, Pirá.
- Ele anda dizendo... Sabe que o deputado está certo, Guará!

No primeiro momento, o peixe não atinou para as entrelinhas daquela afirmação. Não se deu conta de que nas entrelinhas do anunciado se escondia verdade e mentira.
Porém, no momento seguinte:

- Bicha; eu estou com bicha? - gritou, já se coçando com os sintomas da doença.
- Calma, Pira! Não leve esta afirmação a sério... O bicho-homem-deputado não sabe o que diz!
- Como calma! Quem é ele para afirmar que estou com bicha? Por acaso também é médico?
- Não fique de miolo quente, amigo... Talvez eu não tenha me expressado direito.
- Não se expressou? Então me diga como sabe que estou doente.
- Se eu tiver minuto, só um minuto; poderei explicar melhor este boato.
- Então explique... Explique-se melhor. - gritou.

Preocupado com aquela reação inesperada, o lobo procurou compassar as palavras e pronunciá-las em alto e bom som para não lhe causar maior sofrimento. Contudo, não estava certo se a emenda que preparava seria melhor do que o soneto.
Chegou a pensar que talvez fosse melhor não revelar tudo que sabia. Chegou a pensar que melhor seria manter o peixe em eterna ignorância; longe daquelas fofocas do bicho-homem.
Mas já não havia como recuar. A verdade deveria ser dita; doa em quem doer.
Pigarreou, imaginando que seu pigarrear era suficiente para aliviar o sofrimento do amigo. Modulou o vocal e, falou o que tinha a dizer.
- O deputado não falou que você está doente, Pirá... Não disse que você está com bicha. - respirou, profundamente. – O deputado afirmou que você é uma bicha. Uma bicha! Entendeu?

Ante àquela afirmação; o peixe reagiu com cautela e tato.

- Escute aqui, Guará! Creio que o amigo não anda bem da cabeça. Primeiro apareceu como a história do político... Depois com a tal hermafrodita. Agora, com todo respeito e admiração que lhe tenho: dizer que sou uma bicha; já é demais, não acha?
- Alto lá, Pirá. Em momento algum fiz esta afirmação! Estou

apenas traduzindo os bochichos que escutei na cidade do bicho-homem.

- Bochichos! Então me dê uma melhor tradução para esses bochichos! - deu três pulos para trás e, com os olhos esbugalhados, fitou dentro dos olhos do lobo.

- O que é isso, Pirá! Não estou reconhecendo o amigo!

- Estou esperando que me diga quem é bicha, por aqui!

- E eu é que vou saber! - respondeu o outro, acuado. - Além do mais, quem inventou esta história foi o deputado, e não eu!

- O deputado, sempre o deputado! Será que foi para isso que inventaram o deputado?

- Ah!, isso posso responder... O deputado é desocupado e mentiroso.

- Será; será Guará? Será que o desocupado é pior do que o bicho-homem-caçador?

- Ufa!, ainda bem! Pensei que o amigo não prezava minha lealdade.

- Que nada, Guará... você é amigo. – sorriu, e indagou já em clima de camaradagem. - Guará!, O que é her-ma-fro-di-ta?

- Olha Pirá, eu ainda não desvendei esse quebra-cabeça por inteiro. A única coisa que posso dizer; é que a tal hermafrodita é metade macho e metade fêmea.

- Cruz credo! E a tal bicha?

- Quanto à bicha; só perguntando ao deputado! - e sorriu, da sua própria ignorância.

- O deputado deve ser desequilibrado! Será que ele não está fazendo confusão de identidades?

- Não estou aqui para tomar partido, Pirá. Mas posso te garantir que até fotografias suas publicaram no jornal.

- Fotografias... Que fotografias? Ninguém nunca me fotografou!

- Ora!, Uma fotografia com você mordendo a perna do bicho-homem.

- Você ficou doido! Vê se tenho cara da dona piranha!

- Ora, se não foi você; então fique calmo, amigo! Com toda certeza o deputado está querendo se promover, e não tem coragem para assumir!

- Assumir? Como assumir?

- É assim que eles falam por lá, Pirá! Dizem que é coisa de enrustido... Daqueles que jogam lama nos outros para esconder a própria sujeira.

- Não entendi... mas deixa pra lá! Deixa ele aparecer que vou mostrar meus documentos.

- Gostei dessa, amigão! Mas pode ir tratando de arrumar suas tralhas que vamos fugir daqui.

- E por que fugir?

- Por quê?! Já esqueceu que o bicho-homem quer cortar nossas cabeças.

Uma vez mais, o peixe não foi capaz de entender a mensagem do lobo. Estava tão entediado com a conversa que não conseguia atinar para que o outro lhe dizia. Sua cabeça dava voltas. Sentia o corpo girar como se estivesse dentro de um redemoinho.

- Vai me fatiar? Vai me trancar na geladeira?
- Calma... É a disputa, não te falei?! O deputado quer escolher um de nós para ser o símbolo da cidade.
- Ora, mas que besteira... Já escolheram meu avô! Foi o bicho-homem que o batizou de "O PIRÁ-BRASÍLIA". O que o deputado quer agora?
- É aí onde mora o perigo, Pirá. Lembra do boi Zebu; do meu amigo da fazenda?
- Claro que me lembro! Não foi ele que te salvou do cerco do bicho-homem-vaqueiro?
- É... esse mesmo. Você não vai acreditar no que vi!

Prevendo que poderia ter ocorrido uma tragédia, muito maior do que aquela que se anunciava; o peixe, que nem bem havia recuperado o semblante meigo e doce, entrou em pânico.

- Morreu? Virou churrasco?
- Tenha calma, Pirá. Recordar essa tragédia vai doer mais em mim do que em você. Eu o considerava como a um irmão, sabia?
- Tudo bem, eu só estou aflito... Você só me dá notícias ruins! Cadê as boas notícias que você disse que tinha para me dar?
- Depois... Primeiro tenho que encerrar este caso...
O lobo balançou a calda para espantar um mosquito chupa-chupa; também conhecido como mutuca. Começou a andar e a contar sua aventura.
- Sabe de uma coisa, Pirá... Eu não tenho o costume de entrar pela porteira da fazenda. Mas, uns dias atrás, eu estava lá por perto, e resolvi: vou passar é por aqui mesmo. Meu amigo! Quando olhei pro alto... Quando olhei na testeira da porteira; não acreditei!
- O que foi que você viu?
- Vi a cabeça do boi Zebu! A cabeça fincada numa estaca; e embaixo escrito: MANSÃO BOI ZEBU.
- Que crueldade, Guará! Quem foi capaz de fazer uma maldade dessas com criatura tão mansa, tão meiga, tão prestativa?
- Não sei, Pirá. Mas tenho certeza que aquela casa é do bicho-homem-deputado...
- Do deputado? Então foi o deputado que matou o boi Zebu? – saiu correndo, histérico.

Quando retornou estava histérico e ofegante. Estava tão ofegante que não teve ânimo para dizer uma palavra sequer. Quando

conseguiu; preferiu sufocar as imagens daquela cena de selvageria que dominava seus pensamentos E como era do seu costume, para afastar os momentos de angústias e aflição; foi aliviar o fardo nas águas do riacho.

A água estava fria. Sentiu nas escamas o benefício do choque térmico. Os músculos se contraíram. Nadou, nadou; foi até o fundo. Colheu uma pedra coberta de lodo fino, e retornou à flor da água com espantosa velocidade.

A pedra foi arremessada a grande distancia. Chocou-se com os galhos ressequidos e provocou vários estalidos.

O estalido de galhos seco assustou o lobo. Eriçou as orelhas e ficou alerta; temeroso da presença do bicho-homem-caçador.

CAÇADA E FUGA

O dia mal amanheceu e o lobo já estava de malas prontas para fazer uma longa viagem. Contrariado com demora do peixe em retornar do banho matinal, balbuciava reclamos:

“- Onde anda aquele nanico... Será que desistiu da fuga?”, perguntava-se ele.

Mas nada podia fazer. Fora ele mesmo que sugerira aquela despedida. E se assim o fizera, era porque não havia como não atender as súplicas chorosas do amigo.

Alheio às suas preocupações e queixumes, o peixe efetuou mais um longo e reparador mergulho. Estava preste a atingir o fundo quando lembrou do dia em que o bicho-homem-caçador fez uma tocaia para pegar o lobo.

Recordou que fora num dia tranqüilo e de chuvas esparsas. Um dia muito parecido com aquele. Estava certo de que fora ao cair da noite; quando o bicho-homem-lavrador abandonara a labuta de arar a terra.

O caçador mal chegara e já fora preparando o terreno. Arriou a carga e armou a arapuca. Eram uns dois ou três. Já não saberia afirmar quantos eram. Podia, no entanto, afirmar que trabalhavam em equipe. Enquanto um armava a arapuca o outro preparava a tocaia e, um outro, fazia a ronda de vigilância. Pelo jeito, não queriam surpresas.

Enquanto assistia a movimentação do bicho-homem-caçador, o peixe concluiu que toda aquela preparação só podia ter um propósito: eles calculavam os movimentos do lobo. Todo e qualquer movimento. Possível ou improvável.

Entrementes, alheio aos acontecimentos daquele dia, o lobo

desce a colina tomando o rumo do riacho. Ele estava tranqüilo e andava descuidadamente.

O solo arenoso coberto por uma camada de gramíneas ressequidas proporcionava-lhe a sensação de estar pisando em agulhas. No entanto, elas não lhe causavam nenhum ferimento.

O lobo sorriu, quando as patas tocaram no solo da vegetação ribeirinha. Úmida e fofa.

Ao atravessar a clareira pulou por sobre o tronco do pau-d'óleo que caíra sob a força da ação do tempo. O barulho das folhas secas ao serem esmagadas pelo peso corpo fez um bando de rolinha voar; assustadas.

O lobo sorriu, mais uma vez. Desta feita, pelo resultado da sua traquinagem. Começou a cantarolar.

Enquanto o lobo só era felicidade; o peixe procurava se alojar em um local que lhe propiciasse um melhor ângulo de visão. Não queria perder os acontecimentos. E quem sabe, encontrar uma oportunidade para influenciar no desfecho daquela trama sórdida.

Após hesitar; optou por uma pedra próximo à arapuca. Rastejou por entre a vegetação e se alojou no lugar previamente escolhido.

Não fora feliz naquela escolha. Fizera uma opção por demais perigosa. Ficara na linha de fogo. Seu esconderijo não lhe permitia mover um músculo sequer. A sentinela já estava preparando a mira.

"Que posso fazer... O Guará vai ser covardemente assassinado!", reconhecendo seu erro e; procurou se justificar.

Olhou para o céu, e viu a lua redonda ser engolida por uma nuvem escura. Teve certeza que era um mau presságio. No entanto, prevendo que o caçador podia localiza-lo, conteve o desejo de bater na madeira; três vezes. A coruja voou após um corrugar triste. Os grilos emudeceram. A lua varou as nuvens e emergiu do outro lado; enfraquecida pelo véu negro.

"Quem me dera ser grande e forte; que nem o lobo ou o boi Zebu!", desejou ele, então.

Escutou um estalido de galho seco ser quebrado. Sentiu a brisa soprar anunciando mais uma noite fria. E observou as folhas do capim balançarem ao sabor do vento.

- Me dê forças meu Deus! - sussurrou, na ânsia de ser atendido.

Esticou o pescoço, e ficou na ponta do rabo procurando divisar quem era o visitante que se aproximava. Escutou outro estalido. Pareceu-

lhe que este ocorreu mais próximo. E logo outros mais também se fizeram ouvir.

"Será que é o Guará que está chegando?" - desejou saber, em aflição.

Levantou os olhos ao céu.

Quis fazer uma prece... Lembrou que não sabia.

Viu o artilheiro engatilhando o bacamarte.

Tentou gritar... Não teve forças.

Recordou dos bons momentos que passara ao lado do lobo.

Pensou em chorar... Não teve lágrimas.

Imaginou um corpo estendido no chão.

Quis correr ao seu socorro... Não teve pernas.

O vulto que rompia as sombras estava mais perto, cada vez mais perto.

O bicho-homem-sentinela apontou a direção, e outro, fez mira com o bacamarte.

O peixe gritou, em grito inaudível: - cuidado Guará...! Cui-da-do...!

Na tocaia o caçador sorriu vingativo. Já comemorava o resultado da caçada prevendo que tudo estava ocorrendo conforme fora planejado.

Lá do alto seu posto, mentalmente, o artilheiro pedia ao seu alvo: só mais um passo... só mais um passo... só mais um passo!

Até hoje nenhum habitante da mata sabe explicar o que aconteceu. Só se escuta dizer, que por algum motivo muito forte o bicho-homem-caçador fugiu apavorado. Quando acabou todo aquele reboliço; encontraram o peixe estendido no chão. Tremendo de frio e pavor; como se houvesse acordado de um pesadelo terrível.

"Será que o bicho-homem-caçador descobriu que fui eu quem desarmou a arapuca... Será que ainda se recorda daquele dia?", indagou-se, deixando a boca desenhar uma ruga de sorriso.

E como advertência, sentiu uma pontada no coração.

"É, se o deputado foi capaz de fazer uma maldade daquelas com o boi Zebu; tenho certeza que comigo será ainda mais cruel!, advertiu-se. O melhor que tenho a fazer: é fugir enquanto é tempo. E se possível, para bem longe; para um lugar inacessível."

Entregou-se mais uma vez ao sabor da ação benéfica das águas do riacho. Entregou-se ao sabor das forças da natureza que por toda vida o acolheu no seu ovário materno. Permitiu que ela confortasse suas dores e tristezas.

Após alguns minutos de prazer e gozo; foi emergindo. Foi emergindo suave e lentamente. Tão suave e lentamente que ficou boiando no espelho de água.

Inadvertidamente; escutou um estampido ensurdecedor. Depois gritos e grunhidos de cachorro enfurecido.

- Pega! Pega! Pega!
- Cerca pelo outro lado... Não deixa ele fugir!
- Pega! Pega! Pega!

"Meu Deus!! Estou no inferno ou será que é o fim do mundo!", quis saber, então.

O estampido ensurdecedor voltou a ecoar na mata; e depois outro, e outro mais. E o ar ficou impregnando com cheiro da fumaça fétida.

- Pega! Pega! Pega! - gritava uma voz estridente.
- Eu quero a cabeça! - gritava uma segunda.
- Eu quero as patas! - uma outra.

O peixe sentiu o corpo ser envolvido pela teia de aranha. Percebeu-se como um mosquito, indefeso. Dedos gigantes estrangularam seu pescoço. O corpo pequeno e frágil foi rapidamente imobilizado.

- Joga no balde, joga no balde!
- Tampa..., tampa! Tampa logo. Ele vai fugir!
- Onde está o outro? - gritou um bicho-homem com feição descomunal. - Onde está o outro? - gritou ainda mais alto.

E foi assim, em meio a um alarido que o peixe pode atestar a esperteza do bicho-homem-caçador. Teve certeza: ele não esqueceu a derrota e retornou para se vingar.

"Se ele é capaz de guardar rancor por tanto tempo, imagine o pode fazer comigo!", choramingou. É... não existem leis e nem limites para o bicho-homem... Ele está acima de tudo e de todos!", concluiu ele, no exato momento em que a sua prisão se fechou e se fez escuridão".

Quando deu por si, encontrava-se num descampado. Era um salão iluminado por dezenas de soiszinhos. Centenas, talvez, milhares; não soube ao certo precisar. Todos aqueles pequenos sóis afugentavam a noite e a sua amiga e protetora escuridão.

Pôs-se a admirar aquela invenção maravilhosa. A grande e luminosa invenção do bicho-homem. Tudo era como o amigo lobo lhe contara. Tudo era incrível e indescritivelmente lindo.

Buscou, por várias vezes, alcançar a borda das paredes que o circundavam. Não conseguiu. Elas estavam além; muito além do seu alcance. Teve certeza: uma tentativa de fuga fora prevista por seus raptores.

“Será que lá fora existe uma cidade... Será verdade que está repleta de palácios... E as ruas cobertas de lama preta... Será verdade? Será?!”, indagava-se ele, em curiosidade aflita.

Abruptamente, um novo acontecimento fê-lo interromper as suas indagações. Escutou um barulho seco e o ranger de porta. No fundo da sala uma passagem abriu e se fechou; abriu e se fechou; abriu e se fechou.

Uma alegre e festiva comitiva do bicho-homem veio visitar o ilustre prisioneiro.

- Doutor! Doutor! Primeiro; vamos descobrir se o safado é macho ou fêmea... Depois, a gente come o danado assado! - e sorriu, com prazer diabólico.

- Aprovado! - respondeu o outro, babando de prazer.

Aquela proposta fez o peixe procurar abrigo na transparência do vidro. Não havia onde se esconder, aquela barreira era intransponível.

- Pra mim ele tem cara de bicha! - sentenciou uma voz miúda, na ponta da fila.

Era um bicho-homem-nanico que com um gesto cômico fixou nas narinas um par de espelhos.

- Calma, pessoal; que tal uma aposta? Quem perder paga uma rodada de cerveja! – o mediador demonstrou comando sobre os demais.

- Tudo bem, tudo bem! - falou o tal doutor. - Mas vamos fazer um trato: na aposta também está incluído o tira-gosto.

Todos concordaram e entoaram coro: valeu doutor, estou contigo e não abro!

Encurralado na transparência do vidro, o peixe bradava ameaçavas. Sem, no entanto, se fazer ouvir.

“- Não encostem um dedo em mim... vocês não sabem com quem estão mexendo... NÃO SE ATREVAM! - gritou, quando dedos encalecidos estrangularam seu pescoço”.

Coitado do peixe Pirá; ficou estendido na mesa fria como se fosse um pastel. Foi medido, pesado, bolinado, e finalmente; fotografado. No entanto, permaneceu firme e impassível. Tão firme e impassível que não percebeu o momento em que o bicho-homem bolinou suas partes

íntimas.

Depois de algum tempo, para ele interminável, foi devolvido à tina transparente. Ficou imóvel e emudecido; como se fosse um cordeiro que acabara de ser imolado.

- E aí, pescador de meia tigela... A conta é sua! Você não entende de minhoca e quer entender de peixe! – advertiu o doutor.

- Ok, eu aceito a gozação! Mas tem o seguinte: quem quiser molhar os beiços vai ter que ir até o Guará!

- Fazer o quê no Guará? - quis saber o baixinho de óculos.

- Estou sem grana... Lá, penduro a dolorosa. - informou o outro.

- Guará I ou Guará II? - quis saber o primeiro.

- Guará I... No Bar do Brechó! - confirmou o outro.

- Então o tira-gosto vai ser peixe na telha! - interveio o doutor.

- Tira-gosto de Pirá! - complementou o baixinho.

O peixe que mal recobrara os sentidos; escutou pedaços da fala do bicho-homem. Ficou temeroso. Não com a menção ao seu respeito. Foi a citação do amigo lobo que o deixara apavorado; imaginando que o pior já havia acontecido.

Só podia ser, ele escutou claramente quando um alguém indagou ao outro: no Guará I ou no Guará II?

"O que fizeram com o pobre do Guará... Será que o coitado está pendurado na porteira que nem o Boi Zebu... Será que virou espantalho da casa do bicho-homem?", indagava-se ele, prevendo o pior.

Vivendo a dor daquela incerteza, derramou algumas lágrimas. Poucas, mas doídas. Fitou o infinito buscando encontrar consolo. Deixou se envolver pelas lembranças do primeiro encontro que mantivera com o lobo. Foi numa tarde de domingo. Quantas alegrias. Uma chuva fina caía como se fosse uma nuvem de fumaça branca.

Naquele momento, só se interessou por lembranças felizes. Quando tudo era tranqüilidade, paz e alegria.

Mas aquelas inesquecíveis imagens do passado foram engolidas pelas do presente: Viu a cabeça do lobo pendurada no portão do Guará I; o corpo pendurado no portão do Guará II, e, em sua volta, uma multidão em risos e cantorias.

Uma multidão a gritar:

- Olha o lobo, olha o lobo! Como ele é bonitinho... - diziam os bichos grandes para os pequenos.

- Posso caçar lobo, papai? – quis saber um rapazote

- Eu também quero ir, mamãe! - gritou um pixote.

- Está aberta a temporada de caças! - gritou do alto do palanque um velho com cara de político matreiro. - Quem trouxer o maior, vai ganhar um carro importado! - complementou o dito cujo.

O peixe afastou aquela cena com um grito:

- NÃOOOOOOOO.

Voltou à realidade do presente. Passou a se preocupar com seu próprio destino. Recordou do Riacho Fundo, do pai, do avô e do bicho-homem-lunático que se ocupava de capturar peixes e depois devolvê-los ao riacho.

“Tudo isso é culpa daquele intrometido... Foi ele que inventou esta história de chamar meu avô de Pirá Brasília. Se não fosse por ele, eu não estaria aqui, prestes a ter minha cabeça pendurada no portão da cidade... Mas logo eu, que sou tão miudinho; ninguém vai ver minha cabeça na porteira!”, concluiu, angustiantes pensamentos.

Como sempre, desejou ser grande e forte. Só que desta vez, queria ser maior que o lobo. Queria ser um super herói com armas espaciais e armaduras indestrutíveis. Tal qual o Jaspion, o Changermam ou os Cavaleiros do Zodíaco. Só por um minuto, era só de um minuto que precisava. Em um minuto destruiria a cidade e o desalmado do bicho-homem.

Resignou-se, nada podia fazer, nada! A não ser, esperar o momento de se tornar o animal símbolo da cidade, e ter sua cabeça fincada numa estaca.

- Que se cumpra meu destino! - gritou, com lágrimas nos olhos. - Serei o símbolo desta cidade de verdugos! - concluiu, e fez um gesto indecente com a barbatana.

Entregue ao sabor da sorte, recordou-se que o lobo lhe contara que a cidade do bicho-homem parecia um avião: nas asas mora o bicho-homem rico, na cauda o milico, e na cabina de comando empresário e político.

Este último mandava e desmandava, fazia a maior roubalheira e tudo acabava em pizzas.

“O que posso fazer para acabar com esta corja de incompetentes! Ou melhor, com este algoz da natureza? Acho bom ele tomar cuidado... Senão, quando abrir o olho, já terá sido enganado pelo bicho-homem-americano!,” praguejou, ele.

- Vamos lá cambada, isto é pra hoje! Ainda temos muito

serviço pela frente!

- Ele escorrega que nem quiabo! - alguém se defendeu, da sua falta de prática no ofício.

- Aperta a cabeça dele! - gritou o mais entendido no assunto.

- Fechem a tampa direito. Não se esqueçam que é liso que nem sabão! - gritou o baixinho de óculos.

- Ô, doutor! Por volta da seis horas, eu venho te buscar pra gente comer o peixe assado na brasa! Vai preparando a barriga que a iguaria é de primeira! - e falando assim, sorriu; um sorriso asqueroso.

- Tudo bem, vou ficar esperando... Mas tomem cuidado com a imprensa. Não deixe ela saber! - e sorriu, um sorriso amarelo.

- Deixa comigo, doutor... Eu tenho prática no assunto! - gritou, e saiu correndo com o balde colorido na mão.

O peixe admitiu que aquela viagem em nada poderia ser comparada com a anterior. Nesta, tudo era executado com desleixo. O sacolejar do seu aquário portátil era intenso.

Foram inumeráveis e nauseantes.

- Onde foi feita a coleta?

- Sei lá! Não fui eu que fiz as anotações? - desculpou-se o outro.

- Foi o Marcelo; ele só serve para isso! - respondeu o baixinho de óculos.

- Ô, Marcelo! Onde foi feita a coleta? - gritou o chefe.

- Foi perto daquela pedra... Ali, perto da touceira de capim! Têm que desovar ali, ali!

- Jorge, vai até lá, e liberta o garanhão... Já estamos atrasados! - gritou, assustando o subordinado.

- Mas tudo eu! Tudo eu!

E... TIBUMMMMM.

O prisioneiro não pensou duas vezes. Fugiu com a velocidade do medo e caiu num buraco profundo. Afundou no meio do lodo. Cobriu o corpo com folhas que já se encontravam em azedume.

Agradecido pelo bafejo da sorte, o fugitivo não mediu esforços para evitar uma nova prisão. Estava certo de que uma oportunidade igual aquela jamais ocorreria duas vezes. E enquanto teve dúvidas de sua segurança, tratou de evitar qualquer movimento que denunciasse seu paradeiro.

Aquele lhe foi um dia de longas horas. Pareceu-lhe que jamais teria fim. Ficou escondido. Muito além do que lhe era recomendado.

Somente quando teve certeza que o perigo passara; atreveu-se a sair do esconderijo. Sorrateiramente, deixou-se emergir. Flutuou silencioso como se fosse uma bexiga colorida que escapuliu das mãos de

uma criança.

Olhou ao derredor e, não viu ninguém. Nenhum vestígio dos raptores.

“E o Guará! E o Guará! – indagava-se o fugitivo”.

Desejando que tudo não passasse de um pesadelo ou, que um milagre houvesse ocorrido; nadou rio acima e depois rio abaixo. Não encontrou nenhum vestígio do lobo. Nenhuma pegada. Só encontrou o rastro de capim amassado revelando-lhe que ali ocorrera uma luta sangrenta.

Não se deu por satisfeito. Abandonou a busca e foi ter com a cobra. Desejou que ela tivesse algo há lhe revelar. Talvez, um detalhe muito importante que lhe passara desapercebido.

- Dona cobra; a senhora viu por aí, o lobo Guará?

- Não vi não, Pirá! Mas posso te dizer que o vaga-lume, que vive acordando a noite, tem notícias dele.

O peixe mais que depressa, com o coração na mão, foi ter com o vaga-lume.

- Seu vaga-lume; o amigo sabe do paradeiro do lobo Guará. Aquele lobo ranzinza que sempre vinha me visitar!

O vaga-lume, que sempre dizia que não sabia mentir, respondeu-lhe:

- Óia Pirá... Vê, eu não vi não! Mas pela quantidade de chumbo que levou; já morreu há muito tempo e virou tapete do bicho-homem.

O peixe perdeu a esperança. Já não havia como acreditar na possibilidade de milagre. Procurara em todas as trilhas e por baixo de todos arbustos e não encontrara. Consultara outros moradores do riacho e ninguém soubera informar o paradeiro do lobo.

Desistiu da busca. Abatido tomou rumo da sua morada.

Uma voz rouca quebrou o silêncio de tristeza do peixe:

- Seu Pirá. Seu Pirá!

- Pois não... quem me chama? - indagou, de sobressalto.

- Sou eu, dona coruja! Mas me pode me chamar de dona Filomena.

- Pois não, dona Filomena. Em que posso lhe ser útil?

- Obrigada por sua bondade; meu jovem... É que esses meus olhos grandes não podem deixar de ver sua tristeza! - falou-lhe, com voz materna.

- Sabe dona Filomena; perdi meu melhor amigo... O bom e velho lobo Guará! Não sei o que será de minha vida, não sei...

- Você está falando daquele lobo ranzinza! - interveio a coruja,

com firmeza.

- É dele mesmo, dona Filomena! Do lobo Guará!

- Sossegue seu coração meu rapaz. Você não sabe que vaso ruim não quebra?

- Sei, dona Filomena... Mas meu amigo virou tapete do bicho-homem!

A coruja ficou enfurecida.

- Aquele ladrão de galinhas está vivo, seu bobo! Tenho certeza que anda infernizando algum galinheiro!

- Ele está vivo? - gritou o peixe. - Está vivinho... vivinho?!

- Claro! Deve estar com o rabo queimado pelo fogo do bacamarte. Mas, pelo que sei, é muito pouco pra deixar ele de cama.

- Ainda bem! Não sei se poderia me conformar com a sua perda. Preferiria mil vezes que fosse comigo!

- Vá para casa meu rapaz, descanse! Você fez uma longa viagem. E olhe que tem muita sorte; eu nunca vi nenhum peixe voltar inteiro da cidade do bicho-homem.

O peixe saiu saltitando de alegria. Toda a angústia que sentia como por encanto se desfez. Agradeceu aos amigos da floresta: as plantas, a água, as pedras e os animais. E para sua própria surpresa, pegou-se agradecendo a sujeira do bicho-homem que boiava no rio. Naquele momento, tudo lhe era bem vindo, tudo lhe era bem quisto.

Refeito do sofrimento e desenganos, mergulhou nas águas frias do riacho e, enroscou-se numa camisa de Vênus, fabricada na China. Quase morreu sufocado. Somente após uma intensa luta corporal conseguiu se libertar. Sem, no entanto, se dar conta de que aquela engenhoca grotesca lhe era benéfica. Fora inventado para conter ao crescimento populacional do bicho-homem.

Temendo que seu caminho estivesse repleto de armadilhas, nadou pela linha da água. Procurou não se deixar seduzir pela beleza dos objetos que foram abandonados nas margens do riacho: carcaça de pneu fabricada nos USA; bateria de telefone fabricado na China, e garrafas descartáveis fabricadas em São Paulo.

“- Tudo isso é a nova mania do bicho-homem, Pirá! Importar lixo do primeiro mundo... coisa chique, coisa de subdesenvolvido!”, previu ele; que era exatamente isso que o lobo lhe diria se ali estivesse.

FIM

SOBRE O AUTOR

Virgílio de Andrade
Antônio Virgílio de Andrade, Poeta, Escritor e Contista, nasceu em dezembro de 1955, em Sertânia –Pernambuco; residiu no Rio de Janeiro, São Paulo, e hoje está radicado em Brasília; cidade da qual fora pioneiro de sua fundação. É Candango.

Virgílio de Andrade, permite-se o direito de navegar por todos os oceanos da literatura, é Autor de destaque da "**USINA DE LETRAS"**, revista on-line do Sindicado dos Escritores de Brasília, onde publica Contos, Crônicas, Poesias e Ensaios.

É colaborador do "Jornal Comunitário da Cidade Satélite do Riacho Fundo – Brasília", e outros jornais local; publica na revista on-line "POESIA & CIA", e outras do gênero.

Sua primeira e recente obra, **RASTILHO DE PROSA**, foi publicada em formato papel, lançada na **BIENAL/2000**, em São Paulo; e posteriormente, na **FEIRA DO LIVRO DE BRASÍLIA/2000,** e outros eventos de menor porte.

Recebeu menção honrosa do **Centro Cultural de Aricanduva** – São Paulo, com a Poesia SIMPLES. Participou da **"6º ANTOLOGIA" do Painel Brasileiro de Novos Talentos** – **CBJE**, Rio de Janeiro; e foi incluído na **"1º Coletânea Poética de Aricanduva",** promovida pelo Centro Cultural de Aricanduva" – São Paulo.

Além de sua carreira literária, desenvolve intensa atividade na "**ONG – AMIGOS DE BRASÍLIA**", Entidade voltada para ações de cunho filantrópico; e na qualidade de " vice-presidente, compõe o atual Conselho-Diretor do "**Movimento do Trabalhador Progressista – MTP-PPB",** desenvolve trabalho social.

No presente momento, promove revisão do Conto Infantil: "**CAÇADA AO PEIXE PIRÁ-BRASÍLIA"**, e do Conto Adulto: **"ÁGUA RASA NO RIACHO FUNDO".**

Para corresponder com Virgílio Andrade, escreva:
Antonio.andrade@planejamento.gov.br
Avandrade@bol.com.br